

AS AVENTURAS DE NGUNGA (1981): A CARTILHA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE ANGOLA ¹

NGUNGA' S ADVENTURES (1981): THE SPELLING BOOK OF ANGOLA NATIONAL INDEPENDENCE

Taniza Andrades da Costa²
 Graduada em Letras
 Universidade Federal de Santa Maria
 (taniza-costa@hotmail.com)

RESUMO: Neste trabalho, pretende-se destacar as marcas de um projeto político-ideológico, na novela **As aventuras de Ngunga**, do escritor angolano Pepetela, pseudônimo de Artur Maurício Pestana dos Santos. Publicada inicialmente em forma mimeografada, a obra possuía inicialmente um caráter pedagógico. No entanto, em razão de seu teor político, visto que trata dos confrontos entre guerrilheiros e colonialistas, teve uma função bastante relevante na luta pela independência nacional de Angola. A novela objeto da presente análise tem como protagonista Ngunga, um órfão de treze anos, que percorre o território atualmente conhecido como Angola e descobre a corrupção praticada não somente pelos colonialistas, mas pelos próprios angolanos. Além da guerrilha, a obra enfoca também questões culturais, como a venda de mulheres. Nesse sentido, considerando a influência da obra de Pepetela na luta de libertação nacional de Angola, a pesquisa centrar-se-á na relação entre literatura e construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Angola. Literatura. Identidade nacional. Revolução.

ABSTRACT: This paper aims to emphasize the marks of a political and ideological project in the novel **Ngunga's Adventures**, written by the Angolan writer Pepetela, pseudonym of Artur Maurício Pestana dos Santos. Published initially in mimeographed format, the work had in a first moment a pedagogical touch. However, because of its political content, considering the approach of the conflicts between guerillas and colonialists, it had a very relevant function in the fight for Angola national independence. The novel has as protagonist Ngunga, a thirteen-year old orphan who runs across the territory nowadays known like Angola, and discover the corruption practiced not just by colonialists, but by the Angolans themselves. In addition to guerilla, the work focuses on cultural questions too, as the sale of women. In this sense, considering the influence of Pepetela's work in the national liberation fight of Angola, the research will prioritize the relation between literature and national identity construction.

Keywords: Angola. Literature. National identity. Revolution.

Introdução

As aventuras de Ngunga é uma novela escrita em 1972, pelo autor angolano Artur Maurício Pestana dos Santos (que assina sua obra com o pseudônimo Pepetela), intelectual que também atuou como combatente da Frente

¹ Artigo desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa **Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo: o imaginário pós-colonial e a (des)construção da identidade nacional**, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós.

² Bosista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Leste de Angola. A obra foi publicada um ano depois, na floresta do Mayombe, em formato mimeografado, pelo serviço de cultura do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), durante o período em que o território ainda estava submetido ao jugo colonial. A obra conta a trajetória de um menino órfão de treze anos que, após ter perdido os pais e a irmã assassinados pelos colonialistas, começa suas andanças pelos kimbos (aldeias campesinas tradicionais) de Angola. Em uma de suas viagens, Ngunga entra em contato com os integrantes do MPLA e deseja tornar-se um dos guerrilheiros que lutam pela libertação nacional.

A obra foi escrita, inicialmente, com uma função didática, pois o objetivo era servir de cartilha para a alfabetização dos combatentes. Conforme Inocência Mata, em um primeiro momento, a obra de Pepetela foi concebida apenas como “uma singela narrativa sobre o cotidiano das zonas libertadas, durante a luta de libertação para servir de material didático nas escolas das zonas libertadas” (1999, p. 245). O autor decide escrever esta narrativa após visitar algumas escolas de base do MPLA e constatar que os livros utilizados não traziam textos na língua Mbunda, o que dificultava o processo de alfabetização dos guerrilheiros.

A colonização portuguesa no continente africano teve seu princípio por volta de 1484, mas em Angola o domínio português começa a ser exercido um pouco mais tarde, a partir de 1576, tornando o território uma colônia de exploração da metrópole. Angola e outros países africanos conquistaram sua independência tardiamente, com relação às demais colônias de Portugal, considerando que o Brasil, por exemplo, há muito já havia se tornado uma nação independente, enquanto Angola continuava sob o domínio de Portugal até 1974, quando foi derrubada a ditadura implantada no país pelos colonialistas lusitanos.

Em 1975, após o enfrentamento entre colonizados e colonizadores, Angola é liberta do regime colonial e passa a ser reconhecida como nação independente, sendo que o processo de independência das colônias em relação às metrópoles europeias é denominado como descolonização. Esse período foi marcado pela luta pela independência nacional e autonomia política das colônias, visto que, após enfrentar um declínio econômico e político, Portugal, aos poucos, perde a capacidade de controle sobre os territórios que administrava, propiciando a independência das

colônias. É com esse cenário político como pano de fundo que a história de Ngunga é narrada.

A dimensão política de *As aventuras de Ngunga*

Mesmo sendo o português a língua oficial de Angola, o país contava com quatro línguas nacionais — **umbundu, kimbundu, kikongo** e o **tchockwe**, além de mais de 87 línguas autóctones. Quando estoura a guerrilha pela libertação nacional, em 1961, período em que Angola era apenas uma das “províncias ultramarinas” de Portugal, o sistema colonial lusitano em solo africano foi ameaçado com o surgimento de movimentos nacionalistas que reivindicavam emancipação política, econômica e cultural, ou seja, a independência da nação. Pepetela, por sua vez, como combatente e escritor, contribuiu não só para a formação da resistência anticolonial, como também para a construção da consciência de nacionalismo em Angola.

Assim, a obra de Pepetela apresenta um tom bem acentuado de nacionalismo e, por isso, a maioria das análises de seu texto salienta esse esforço de impregnar os angolanos desse sentimento através das aventuras de Ngunga. No entanto, vale ressaltar que o nacionalismo de Pepetela é um conceito reformulado, longe de ser aquele entendimento homogeneizante do termo “nação”.

O território, a língua e a memória coletiva costumam ser as categorias que sustentam a noção de comunidade, isto é, o sentimento de pertença e a lealdade entre os membros de uma nação. Percebe-se, no entanto, que a noção de nacionalidade do autor estava mais afinada com o conceito formulado por Benedict Anderson uma década após a publicação de sua obra.

Anderson (2008, p. 33-34) define nação como uma “comunidade política imaginada”, pois a ligação entre os seus membros se realiza por meio de “representações simbólicas”, de modo que “independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal”.

Nesse sentido, ao ter o cuidado de escrever sua obra em Mbunda, o autor estava considerando nada mais que as diferenças que convivem no território angolano, de forma que o elo entre os membros dessa comunidade enfatizado na obra não é a língua ou a tradição, mas uma razão comum para lutar pela libertação

nacional de Angola. Sobre a concepção de nacionalismo de Pepetela, Alós (2009, p. 8) problematiza tal como segue:

Se o nascimento de um cânone literário, via de regra, é pautado na “homogeneização” da identidade nacional, apagando as diferenças internas à comunidade nacional, é justo afirmar que a obra de Pepetela não compactua com exaltação de um nacionalismo nesses termos configurado.

Por essa razão, a imposição da língua portuguesa, entre outras formas de colonização, é um dos alvos da crítica do autor, que buscou por meio de sua obra devolver aos angolanos um pouco de sua identidade que estava sendo apagada pelo colonialismo lusitano em terras africanas:

O **Ngunga** não ia ser livro. Eu estava no Leste e estava a fazer um levantamento das bases do MPLA, pela primeira vez ia-se saber quantas bases havia, quantos homens havia, quantas armas... eu ia de base em base e ao mesmo tempo acompanhava o ensino, dava uma ajuda aos professores com os manuais de matemática que eram da Ex-RDA³, demasiado modernos, e os professores tinham dificuldades com eles, comecei também a aperceber-me que os miúdos só tinham os livros da escola para ler o português, concluí que era preciso fazer textos de apoio, é aí que começa o Ngunga. Eram textos muito simples que pouco a pouco se iam tornando mais complexos. Como ainda assim não era suficiente os textos eram traduzidos para Mbunda e depois eu tentava dar-lhes regras gramaticais reescrevendo o Mbunda, assim os miúdos podiam aprender a ler na sua língua e recorrer a ela sempre que tivessem dificuldade nalguma palavra em português. Quando acabei cheguei à conclusão que aquilo era uma estória, dei-lhe um fio condutor e mais tarde decidimos publicá-lo⁴.

Para o colonizador português, **colonizar** significava transformar a colônia em uma zona de exploração patrocinadora da metrópole. Não havia a pretensão de desenvolvê-la; mas de extrair dela todos os seus recursos e desfrutar de tudo que tivesse algum proveito, tendo em vista o interesse da metrópole em sua missão exploratória. Sendo assim, em terras africanas, os portugueses se apoderaram dos recursos naturais que encontravam naquele território, além de explorar a população nativa como mão-de-obra escrava.

³ República Democrática Alemã/Alemanha Oriental.

⁴ Conforme depoimento publicado pela Universidade de Lisboa através do Centro de Investigação para Tecnologias Interativas (CITI). Disponível em: <<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>>. Acesso em: 04/09/2015.

Os angolanos, bem como os africanos de outros territórios ocupados por colonos portugueses, eram considerados propriedade da metrópole, de modo que eram vendidos para outros “donos”, que os levavam, na maioria das vezes, para outros países. Muitos, inclusive, vieram para o Brasil, a fim de trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar.

Em troca disso, para conseguir submeter os colonizados, alegavam estar privilegiando a população africana, que consideravam primitiva, com as vantagens de uma cultura superior. Dessa forma, foi introduzida no discurso cotidiano dos povos do continente africano a concepção de superioridade racial do homem branco europeu e da natureza servil e inferior do homem negro africano. Nessa perspectiva, Alós (2009, p. 7) destaca:

O sistema de administração, adotado pelo colonialismo, utilizou-se da estratégia de superposição cultural, onde a cultura transplantada (metropolitana) era imposta aos africanos, de forma que esses eram forçados a deixar de lado a cultura autóctone e adotar a cultura da metrópole.

No período entre as décadas de 1950 e 1960, começam a surgir algumas iniciativas populares de reivindicação e, “na clandestinidade, são formadas, nas colônias africanas de língua portuguesa, as primeiras organizações políticas” (TUTIKIAN, 2006, p. 38). Estas organizações tinham em comum o desejo de libertação nacional, como podemos observar pelos nomes do que, posteriormente, viriam a ser partidos políticos: FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola):

Foram, enfim, esses agrupamentos que construíram o grande movimento de conscientização nacional e que empreenderam a luta pela libertação, na maioria das vezes com fortes conflitos e com características peculiares a seu povo e seu território (TUTIKIAN, 2006, p. 38).

As aventuras de Ngunga, apesar de, em princípio, ser apenas um material didático para alfabetização, tornou-se um potente instrumento para alavancar a mobilização popular que a descolonização requeria dos angolanos para implantar a ideologia das organizações políticas que começavam a se organizar nesse período. Assim, evidencia-se que a obra de Pepetela, além de cumprir com seu objetivo

primeiro, apresenta um projeto político-ideológico, que tinha como ponto de partida a construção da identidade nacional de Angola.

A literatura na construção da identidade nacional de Angola

O elo entre literatura e identidade nacional, às vezes, é considerado como uma particularidade intrínseca ao discurso literário; no entanto, a ideia de “literatura nacional” é formulada na passagem do século XVIII para o XIX, sendo que essa denominação se refere a uma literatura que incorpora características específicas de uma nação. É relevante mencionar que, como se pode observar em **História da Literatura Portuguesa – Idade Média** (1909), de Teófilo Braga, a literatura já chegou a ser percebida, inclusive como “expressão do espírito nacional”, tendo em vista que o autor considera que “a Literatura é uma síntese [afectiva] completa, o quadro moral de uma nacionalidade representando os aspectos da sua evolução secular e histórica” (BRAGA, 1984, p. 63).

No caso de **As aventuras de Ngunga**, o objetivo talvez não seja exatamente o de delinear uma identidade nacional, mas, mais especificamente, criar uma consciência nacional angolana; haja vista a forma como foi dividido o continente para a exploração.

Na Alemanha em 1885, na Conferência de Berlim, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha definiram a divisão geográfica dos territórios a serem explorados. Nesse evento, que ficou conhecido como Partilha da África, a divisão dos territórios foi estabelecida, a partir de parâmetros das potências europeias envolvidas, que não levaram em consideração questões de ordem étnica e cultural. Com as novas fronteiras estabelecidas pelo mapeamento dos europeus na Conferência de Berlim (19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885), muitas etnias tiveram seus territórios fragmentados, enquanto grupos étnicos rivais foram agrupados sob a égide de um mesmo Estado.

Isso desencadeou uma série de conflitos, bem como a dificuldade de reconhecimento entre concidadãos. Por essa razão, Pepetela, ao projetar em Ngunga as inquietudes e os anseios de um nativo de Angola, consegue fazer com que sua obra funcione como um espelho, um instrumento de reconhecimento da angolanidade. Sendo assim, sua obra desperta a consciência de **ser angolano** e,

como consequência, mobiliza a população para o engajamento com a luta de libertação e com a defesa dos interesses daquele território.

Sobre a relação da literatura com o processo de independência de Angola, Laura Padilha destaca:

Literatura e construção da nacionalidade são as duas faces de uma mesma moeda, cunhada em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias gerações de escritores. Nasceram, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência da nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e político-ideológico, que estabelecem entre si significativas interfaces, mesmo depois da independência (PADILHA, 2007, p. 175).

A publicação de **As aventuras de Ngunga** (1981), nessa perspectiva, significou muito mais que a criação de um material didático mais eficaz para a aprendizagem da leitura e da escrita: tornou a alfabetização naquele território um processo mais comprometido com a causa do movimento de luta pela libertação. Tendo em vista que a formação do sujeito angolano ocorreria também por meio de seu processo de alfabetização, a educação é apresentada na narrativa como instrumento de combate ao colonialismo. Dentre os diversos recursos que o MPLA utilizou durante a luta pela independência, a educação figura como dispositivo gerador de consciência e motor das mudanças sociais.

A literatura, assim como outras formas de arte, não só em Angola como outros países que passaram pela experiência do colonialismo, tem um papel fundamental no que se refere à sua capacidade de desacomodar a percepção que se tem das coisas e dos fatos. Considerando disso, é possível compreender o porquê de a literatura, ao longo da história, ser considerada subversiva por fomentar a revolução. No caso de Angola, com a publicação da obra de Pepetela, a literatura colaborou como instrumento de difusão dos ideais nacionalistas do MPLA, entre os cidadãos da nação em construção.

Em **O direito à literatura**, Antonio Cândido (1995, p. 249) considera que a principal função da literatura é a humanização do ser humano e esclarece o que isso representa:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos

problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Composta por 29 capítulos curtos, o protagonista da narrativa, Ngunga, é o personagem-símbolo da luta pela independência angolana. As experiências que adquire, através de sua passagem por diversos âmbitos sociais e pelo contato com representantes de diferentes posicionamentos ideológicos (representados metonimicamente por personagens secundários), resultam na renovação de sua consciência de sujeito angolano e na compreensão de seu lugar no combate contra a exploração pela metrópole portuguesa. O percurso de Ngunga o transforma, de modo que, no final da narrativa, “um homem tinha nascido dentro o pequeno Ngunga” (PEPETELA, 1981, p. 57).

A partir do amadurecimento que essa experiência lhe proporciona, ele passa a ter uma nova percepção de si mesmo e do papel do angolano no processo de libertação de Angola. A construção do protagonista como um viajante dá credibilidade à análise que esse personagem faz da realidade circundante, visto que, por meio de suas andanças, adquire uma visão mais ampla das necessidades daquele meio social. Sobre o vaguear de Ngunga de **kimbo em kimbo**, Lauriti (2008, p. 212) afirma:

A busca do pequeno Ngunga é pelo autoconhecimento, pela aprendizagem, pela compreensão dos valores revolucionários, e para tal são necessárias a peregrinação, a experiência das ações vividas, a tomada de consciência da realidade que metaforiza o trajeto por que deve passar também Angola para atingir a maturidade.

O enredo de **As aventuras de Ngunga** representa também uma denúncia da corrupção praticada pelos próprios angolanos autóctones em posições privilegiadas no regime colonialista, destacando que a construção de uma nação livre não implica apenas em uma luta contra o domínio do colonizador, mas também em uma luta contra a velha mentalidade. Nesse sentido, a narrativa apresenta alguns quadros em que se evidencia a existência da exploração dos angolanos pelos seus próprios concidadãos – o que contradiz a crença de haver nesse território apenas o exercício da dominação do colonizador sobre o colonizado.

Em sua obra, Pepetela não criticou apenas a opressão pelos colonizadores lusitanos, mas o autor reservou boa parte da narrativa à observação do funcionamento da sociedade angolana como um todo. Na trajetória de formação do caráter do protagonista é privilegiada a reflexão, tanto sobre o comportamento de integrantes de estruturas de governo, como dos membros do MPLA que ocupam lugares de poder no âmbito do Movimento. Os líderes que ganham maior destaque na novela são o presidente Kafuxi, o comandante Mavinga, o chefe Chipoya e o comandante Avança.

Considerando o tratamento que esses personagens recebem na obra, apenas Nossa Luta e União mantêm a sua integridade e solidariedade, com relação à luta, sendo que os demais ainda não alcançaram o sentimento de coletividade que Pepetela buscava inculcar nos angolanos, através de sua obra, de modo que aparecem ao longo da narrativa com um comportamento individualista, preocupados apenas com seu próprio bem-estar. Um desses personagens é o responsável por um **kimbo**, o presidente Kafuxi.

O chefe Kafuxi é um exemplo da corrupção interna em Angola e representa uma personalidade individualista, contrária ao ideal coletivo de libertação nacional. Na narrativa, “quando chegava um grupo de guerrilheiros [...] mandava esconder a fuba. Dizia às visitas que não tinha comida alguma” (PEPETELA, 1981, p. 15). Esses comportamentos vão ser representados na obra, a fim de explicitar a mentalidade que mantinha os angolanos presos à dominação portuguesa.

Ele pode ser considerado o antagonista da obra, ou seja, vai à contramão do projeto de cidadão angolano representado na figura de Ngunga. Kafuxi é a representação dos obstáculos que os movimentos de libertação enfrentavam e que poderiam causar o atraso da independência nacional ou, talvez, o fracasso dos esforços dos guerrilheiros. A observação dessas fragilidades da sociedade angolana demonstra que a revolução incentivada por Pepetela não está alheia aos problemas internos do Movimento.

Em contraponto, as atitudes do protagonista incentivam o comprometimento com os propósitos da luta anticolonial:

Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi a cubata arrumar as suas coisas. Partiu, sem se despedir de ninguém.

O velho Kafuxi, furioso, envergonhado, só o mirava com os olhos maus (PEPETELA, 1981, p. 16).

A passagem de Ngunga por cada **kimbo** desenha a oposição que se espera de um angolano no processo de construção de sua independência: uma tomada de consciência e um posicionamento efetivo nas práticas cotidianas, além de destacar as atitudes que sustentam e garantem a continuidade do regime colonial. Assim, a narrativa apresenta, de um lado, Kafuxi; velho oportunista que se preocupa apenas em lucrar, não importando as circunstâncias, representando os angolanos alheios aos ideais libertários que deveriam estar pulsantes na consciência dos colonizados.

De outro lado, aparece Ngunga com uma evolução de consciência que decorre de seu conhecimento profundo da estrutura colonial, obtida por meio de suas viagens e das pessoas que conhece no caminho. Dessa forma, Ngunga mostra a solidariedade que se deve exercitar para se alcançar uma nação livre das imposturas colonialistas. Ngunga quer combater as injustiças perpetuadas através da tradição angolana, deseja posicionar-se contra as atrocidades que se praticam naquele território e, ao passo que conhece mais a realidade que o cerca e as pessoas com as quais convive, ele vai sinalizando os comportamentos que precisam ser combatidos:

As pessoas de quem gostara e de quem não gostara vinham-lhe à lembrança: os pais, Mussango, Kafuxi, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista. Não eram como os G.E. ou o cozinheiro da PIDE. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos (PEPETELA, 1981, p. 41).

Nesse trecho, evidencia-se também uma postura contrária à prática de assimilação, muito utilizada pelas metrópoles em suas colônias como estratégia de colonização, pois, com o intuito de conseguir melhor dominar os colonizados, os colonos tentavam convencê-los dos privilégios de se viver em uma colônia. Para isso, em sua missão civilizatória, incentivavam a população nativa a vestir-se e agir como os colonos e, principalmente, utilizar o mesmo idioma destes, sendo que o argumento para tal convencimento associava à barbárie as práticas e costumes dos colonizados, de modo que estes acabavam por negar suas raízes culturais.

Durante quase toda narrativa, é perceptível uma postura silenciosa por parte de Ngunga. Ele observa tudo, avalia, mas não fala, não se defende, não questiona,

não discorda; guarda para si sua forma de conceber os fatos e as circunstâncias. No final da obra, no entanto, quando o protagonista “torna-se um homem” (PEPETELA, 1981, p. 57), sua voz aparece no texto e, a partir desse evento, já não é o narrador quem diz o que Ngunga pensa ou deseja; ele mesmo expressa sua identidade e suas vontades. Sobre a passagem do estágio silencioso para o momento em que o personagem se posiciona, Bonnici (2012, p. 26) pontua que “o colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor com antagonismo”.

A orfandade é outro aspecto bastante relevante na análise da representação de Ngunga, visto que a orfandade de Ngunga é a metáfora da orfandade de Angola. Órfãos de pais devido à guerra; órfãos das condições mínimas necessárias à vida como comida, moradia e liberdade; órfãos de Estado, de uma identidade nacional. Mas é a condição de órfão também que faz Ngunga sair do seu **kimbo**, conhecer melhor a realidade de seu povo e tornar-se um guerrilheiro na luta de independência nacional. Esse deslocamento inicial do protagonista funciona como um incentivo à mobilização popular; um despertar da consciência da sociedade para a necessidade de transformação da realidade.

O processo de transformação de Ngunga em guerrilheiro vai do início ao fim da obra; é o eixo em torno do qual se desenvolve a narrativa. Assim, ele é a representação do cidadão ideal da nação que se deseja construir, de forma que a construção do protagonista na narrativa tem como meta despertar o guerrilheiro adormecido no interior de cada angolano, pois, de acordo com a obra, esse guerrilheiro está presente em todos que não aceitam os grilhões do colonialismo. A partir da preocupação de delinear esse tipo de cidadão que se pretende formar, o conteúdo da narrativa centra-se em questões como o machismo das sociedades tradicionais africanas, a guerra e a desigualdade. Ngunga, então, como esse tipo ideal, combate por meio da revolução o sistema vigente e compreende seus direitos e deveres, assumindo seu lugar na luta pela independência.

Considerando a função didática da obra, pode-se acrescentar que há a pretensão de inculcar nos angolanos o modelo de guerrilheiro representado na figura de Ngunga. Assim, seus aspectos morais, sociais e políticos deveriam ser observados e seguidos; são qualidades a serem desenvolvidas por quem também deseja a libertação de Angola. Além disso, **As aventuras de Ngunga** é também um manual de

história de Angola, pois, ademais de descrever os percursos do MPLA pelo interior do país, apresenta as culturas tradicionais angolanas ao público letrado ocidental; culturas essas que o autor não só retrata como também critica como, por exemplo, no tratamento literário dado por Pepetela à questão da prática tradicional do **alembamento** (a compra de esposas no seio das práticas tradicionais dos povos bantu).

Nesse sentido, são enfatizadas as tradições que são percebidas como degradantes e desumanas, ou seja, não pertencentes ao ideal de vida pelo qual o movimento de libertação travava sua luta. Há um esforço estratégico de mostrar a necessidade de uma reformulação do pensamento dos angolanos, de acordo com o ideal nacionalista, que pretende construir uma Angola livre do jugo colonial. A obra é, portanto, um instrumento político que objetiva a transformação na postura social e no comportamento dos indivíduos que constituem a nação, a partir do questionamento ou do rompimento com a tradição.

Ao problematizar a estrutura social de Angola, o personagem Ngunga, através de suas reflexões, vai se descolonizando ao longo da obra. Esse processo dura até o momento em que ele se transforma totalmente e, por isso, muda de nome, mas não revela seu novo nome, sugerindo que o futuro de Angola, representada pelo protagonista na obra, ainda não estava definido, mas que deveria ser diferente após a guerrilha. Portanto, quando Ngunga destaca a necessidade de ruptura com a tradição, entende-se que se está sugerindo uma reestruturação da ordem social em Angola.

Considerações finais

Após essa breve análise dos aspectos político-ideológicos presentes em **As aventuras de Ngunga**, fica evidente a estreita relação entre literatura e revolução – nesse caso, a relevância do papel da literatura na organização de uma resistência anticolonial. Tendo participado ativamente do processo de independência de Angola, Pepetela aponta os problemas que envolvem a dominação portuguesa e as tradições angolanas.

A plasticidade utilizada para descrever os ataques possibilita uma leitura quase visual das cenas narradas, de modo que o leitor acaba por ter, em certos

momentos, a sensação de estar também na trincheira. Dessa forma, ao considerar o propósito do autor ao escrever a obra, é possível afirmar que esta cumpriu sua função, visto que seu objetivo era formar protagonistas da luta e não apenas espectadores.

Referências

ALÓS, A. P. A resignificação do mito na literatura angolana: Lueji, o nascimento dum império. **Espéculo**: revista de estudios literarios, n. 41. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2009. Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero41/lueji_an.html>. Acesso em: 14 set. 2015.

_____. Colonialismo e relações de gênero na literatura angolana: o romance Yaka, de Pepetela. **Espéculo**: revista de estudos literários, n. 42. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2009. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero42/romyaka.html>>. Acesso em: 14 set. 2015.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura (1990-2001) [online]. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OsBSBAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=i+isbn:8576285843&hl=pt-PT&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 03 set. 2015.

BRAGA, T. **História da Literatura Portuguesa – Idade Média**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

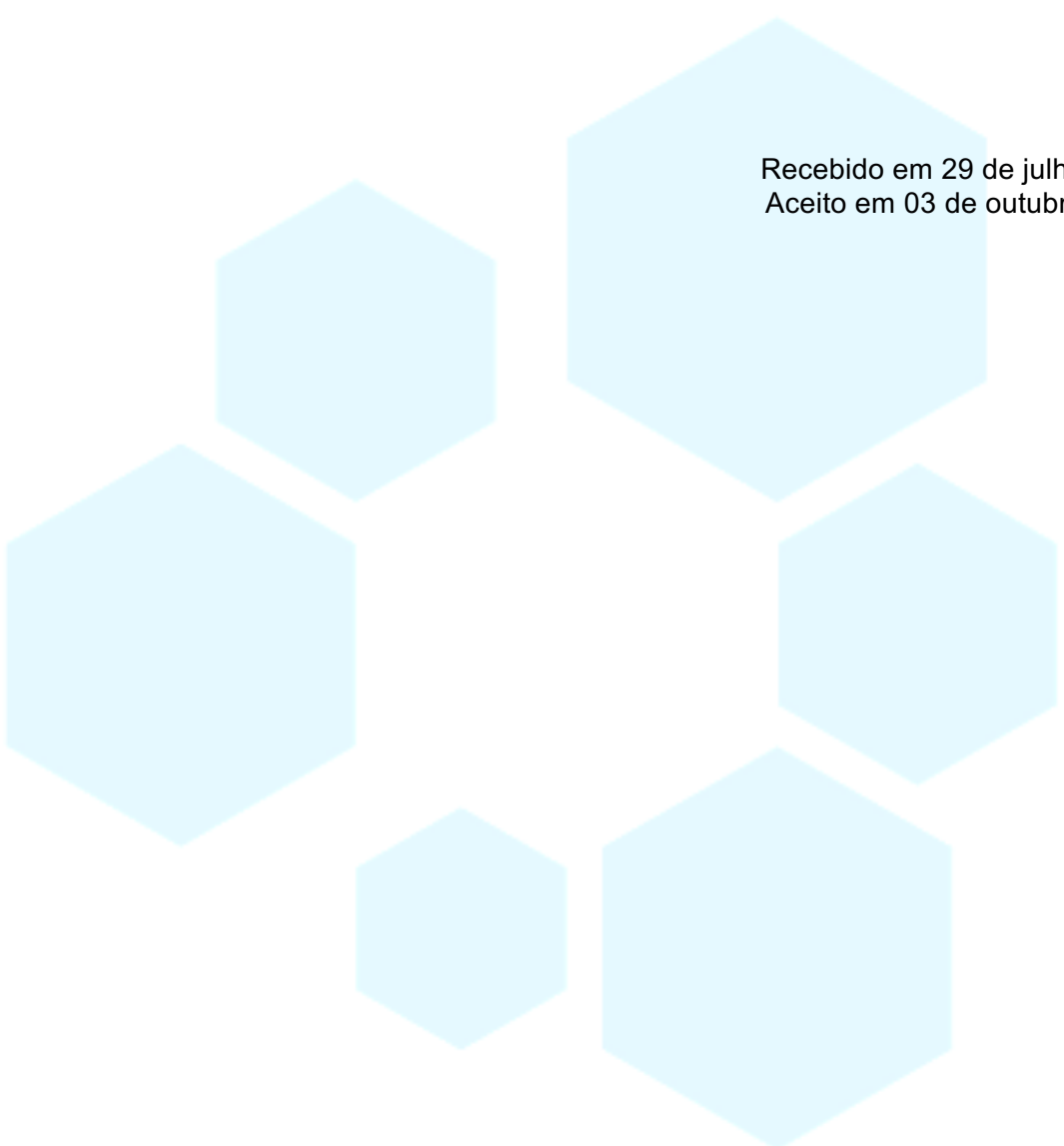
LAURITI, T. As aventuras de Ngunga, de Pepetela: muito além da cartilha. **Via Atlântica** (São Paulo/USP), n. 14, p. 211-216, Dez./2008. Disponível em: <www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50408/54531>. Acesso em: 28 ago. 2015.

MATA, I. L. S. Um escritor (ainda) em busca da utopia. **SCRIPTA** (Belo Horizonte/UFMG), v. 3, n. 5, p. 243-259, 2º sem. 1999. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/10318/8436>>. Acesso em: 08 set. 2015.

PEPETELA (Pseud. Artur Maurício Pestana dos Santos). **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1981.

PADILHA, L. C. **Entre a voz e a letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

TUTIKIAN, J. Questões de identidade: a África de língua portuguesa. **Letras de Hoje** (Porto Alegre/PUCRS), p. 37-46, set. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/613/444>>. Acesso em: 25 set. 2015.



Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 03 de outubro de 2016